



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

FAEILLA MARIA FERREIRA LIMA

**A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NAS NOVAS FORMAS DE TRABALHO DA
ATUALIDADE:** o papel do bem viver na edificação de um sistema alternativo

Icó – CE

2024

FAEILLA MARIA FERREIRA LIMA

**A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NAS NOVAS FORMAS DE TRABALHO DA
ATUALIDADE: o papel do bem viver na edificação de um sistema alternativo**

Artigo científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a aprovação e nota.

Orientador(a): Prof^a Esp. Najara Oliveira Silva

FAEILLA MARIA FERREIRA LIMA

**A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NAS NOVAS FORMAS DE TRABALHO DA
ATUALIDADE:** o papel do bem viver na edificação de um sistema alternativo

Trabalho de conclusão de curso (TCC) aprovado em 25/06/2024, como requisito para a aprovação na disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª Esp. Najara Oliveira Silva

Orientador(a)

Prof^ª Esp. Maxwell Fontes Texeira

Avaliador

Prof^ª Esp. Tatiana Araújo Felizardo

Avaliadora

Icó – CE

2024

A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NAS NOVAS FORMAS DE TRABALHO DA ATUALIDADE: o papel do bem viver na edificação de um sistema alternativo

Faeilla Maria Ferreira Lima
Najara Oliveira Silva

RESUMO

O presente estudo tem como foco discutir acerca do capitalismo e suas principais contribuições para o adoecimento da sociedade e do meio ambiente. Assim como analisar a Teoria do Bem Viver e suas contribuições para a criação de um sistema alternativo. Objetivou-se discutir como essa teoria pode combater o processo de desenvolvimento de um capitalismo explorador e alienante. O presente estudo partiu de uma revisão bibliográfica integrativa, de cunha qualitativo, exploratório. A partir da busca nas plataformas Google acadêmico e *SciELO*, com os descritores: “Capitalismo”, “Sociedade”, “Adoecimento”, “Trabalho”, Teoria do “bem viver”, “comunidade”, “meio ambiental” e o operador booleano "AND", foi possível recuperar 372 trabalhos científicos, contudo, foram identificados 20 trabalhos duplicados, dessa forma, foram incluídos para pré-análise 352, sendo que apenas 10 trabalhos atingiram os critérios de inclusão e exclusão. Os estudos indicam que as formas de trabalho expostas pelo capitalismo estão cada vez mais adoecendo a sociedade e trazendo problemas para natureza, visto isso, surge, portanto, a necessidade de encontrar uma forma de amenizar ou parar tais acontecimentos, o bem viver surge então como uma nova forma de ver o mundo e cuidar da humanidade e do ecossistema como seres iguais. Por fim, a pesquisa evidencia que o Bem Viver não surge como uma nova forma de sistema econômico, mas uma alternativa a elas. Buscando a construção de um mundo que possa suprir as necessidades da humanidade sem destruir o meio ambiente.

Palavras-Chave: Capitalismo. Adoecimento. Natureza. Humanidade. Bem viver.

ABSTRACT

his study focuses on discussing capitalism and its main contributions to the illness of society and the environment. As well as analyzing the Theory of Good Living and its contributions to the creation of an alternative system. The aim was to discuss how this theory can combat the development process of an exploitative and alienating capitalism. The present study was based on an integrative, qualitative, exploratory bibliographic review. From the search on the Google Scholar and *SciELO* platforms, with the descriptors: “Capitalism”, “Society”, “Illness”, “Work”, Theory of “good living”, “community”, “environment” and the Boolean operator "AND", it was possible to retrieve 372 scientific works, however, 20 duplicate works were identified, thus, 352 were included for pre-analysis, with only 10 works meeting the inclusion and exclusion criteria. Studies indicate that the forms of work exposed by capitalism are increasingly making society sick and bringing problems to nature, given this, the need to find a way to alleviate or stop such events arises, good living then emerges as a new way of seeing the world and caring for humanity and the ecosystem as equal beings. Finally, the research shows that Good Living does not emerge as a new form of economic system, but an alternative to them. Seeking to build a world that can meet the needs of humanity without destroying the environment.

Keywords: Chave: Capitalism. Illness. Nature. Humanity. Well live.

1 INTRODUÇÃO

Ao se estabelecer como principal sistema de produção, o capitalismo fez com que o ambiente laboral assumisse uma posição central na vida das pessoas. Isso se deve ao fato de que, na economia do sistema capitalista, o trabalho é o elemento principal na organização da vida individual, oferecendo a oportunidade de melhorar a posição social por meio da acumulação de riqueza exacerbada e dessa forma trazendo diversos problemas para a sociedade e para o ecossistema (Silva, 2023).

Esse sistema econômico não revela grandes preocupações com a classe trabalhadora e com os danos causados à natureza, através da produção exagerada de matérias primas, seu principal objetivo está na acumulação de bens e no lucro que esses materiais podem trazer para uma pequena parte da sociedade. No final do século XX, os danos causados pelo capitalismo começaram a ser evidenciados, e tanto a sociedade como a natureza sentiram seus efeitos negativos (Barreto; Souza, 2021).

A atual crise do sistema capitalista não pode ser analisada de maneira isolada ou naturalizada, negligenciando os aspectos temporais e estruturais da realidade social. Os efeitos sociais da crise contemporânea têm afetado de maneira abrangente a classe trabalhadora, com o aumento do desemprego, a precarização das relações de trabalho, bem como a redução e privatização dos serviços públicos (Melges; Calargeb; Beninia; Pacheco, 2022).

As situações impostas para o trabalhador podem trazer sérios riscos a sua saúde tendo em vista que os níveis de estresse são extremamente elevados, levando os operários ao último grau de esgotamento. No entanto, devido às dificuldades para encontrar emprego eles se encontram obrigados a aceitar condições de trabalho precárias como uma maneira de garantir a permanência em seu serviço (Melges; Calargeb; Beninia; Pacheco, 2022).

O esgotamento psicológico, como resultado das novas abordagens na gestão do trabalho, manifesta-se através do aumento das cargas mentais, incluindo: a pressão exercida por metas; a demanda por altos níveis de produtividade e constante vigilância; a concentração requerida devido ao aumento da quantidade de máquinas a serem operadas ou supervisionadas; e os elevados ritmos de trabalho, que eliminam qualquer período de suposta "improdutividade", como momentos de pausa (Silva, 2023).

Além dos diversos problemas na saúde do trabalhador que o sistema capitalista e suas novas formas de trabalho fornecem, também nos deparamos com uma série de desafios

ambientais, causados pela exploração exacerbada e sem controle dos recursos naturais. Isso ocorre devido ao elevado nível de consumo e à falta de conscientização acerca das ações que podem causar danos significativos ao nosso ecossistema e conseqüentemente para toda a sociedade (Barros; Silva, 2019).

O bem viver surge então como uma nova forma de ver o mundo, criticando as medidas imposta pelo sistema capitalista e evidenciando a oportunidade de se construir coletivamente uma nova forma de se viver em sociedade. Destacando a importância de estar em harmonia com a natureza, tratando o meio ambiente como sujeito de direitos e não apenas como objeto de exploração (Acosta, 2019).

Destacando também a importância dos estudos acerca das comunidades indígenas, amazônicas e outras diversas culturas que não são dominadas pelo capitalismo, a fim de encontrar contribuições para a construção de um sistema econômico que vise o bem-estar das pessoas em vez do lucro. O bem viver não se apresenta como um modelo pronto a ser seguido, mas sim, algo em construção, que está evoluindo constantemente e disposto a encontrar uma forma mais saudável de se viver nesse mundo (Acosta, 2019).

Assim, diante do exposto, a presente pesquisa questiona: como a teoria do Bem viver pode combater o processo de desenvolvimento de um capitalismo explorador e alienante?

Este trabalho justifica-se a partir da afinidade da autora com o tema, bem como a necessidade percebida de se encontrar novas formas de se viver socialmente, tendo em vista que o sistema capitalista está cada vez mais adoecendo a classe trabalhadora e a natureza.

Não obstante, esta pesquisa tem como finalidade identificar como a crise do sistema capitalista influencia no âmbito laboral, tendo em vista que tanto as novas formas de trabalho, como o avanço da tecnologia e a exploração dos meios naturais pode contribuir de forma significativa para o adoecimento da sociedade.

Contudo, no decorrer deste trabalho, investiga-se uma teoria inovadora, com novas formas de se viver no mundo. Trazendo uma abordagem que se diferencia do capitalismo, visando formar uma sociedade na qual a natureza seja tratada com igualdade e seus direitos sejam respeitados. Dessa forma, o bem viver não procura melhorias para o sistema opressor e dominador imposto atualmente, mas sim criar uma nova forma de ver o mundo, capaz de atender às necessidades apresentadas pela sociedade e pela natureza.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONSTRUÇÃO DO CAPITALISMO COMO LEI DOMINANTE DA SOCIEDADE E A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS NOVAS FORMAS DE TRABALHO

Com a inserção do sistema capitalista foi necessário um longo processo de maturação política, caracterizado por diversos confrontos de classes, mas que foi de suma importância para que os trabalhadores pudessem compreender o papel que lhe estava reservado no novo mundo moldado pelo capital e pelo emprego assalariado (Santos, 2021).

Dessa forma o discurso do capitalismo se manteve evoluindo intensamente e teve seu desenvolvimento extremamente elevado na era pós-moderna. Época em que esse sistema deixou de ser uma simples alteração na estrutura e na aparência e assumiu uma natureza mais flexível, deixando de ser um discurso que descreve um sistema econômico e agora se expandindo para abranger todo um conjunto de ideologias. Desde muito cedo, o discurso capitalista é imposto às pessoas, impulsionando-as a aceitá-lo como parte de quem elas são (Pereira et al, 2019).

Dessa forma, se intensificava cada vez mais a ideia de que a relação entre o capital e o trabalho molda a base da reprodução social na era do capitalismo. Sistema esse que se impôs de forma extremamente dominadora em comparação com as outras formas de criação de riqueza, superando todas as expectativas de progresso na produção de material, que inicialmente haviam sido concebidas com o notável avanço das forças produtivas (Santos, 2021).

A partir disso, com a incorporação das tecnologias as estruturas de organização e supervisão do trabalho experimentaram uma evolução ainda mais significativa que se expandiu em vários aspectos das atividades socioeconômicas, abrangendo a produção, a distribuição e o consumo. Sendo assim, ocasionando a transição para um modelo de produção flexível que resultou na redução de pessoal e na intensificação da exploração do tempo de trabalho devido a criação de novos modelos de mercados (Rebelo, 2020).

O crescimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) impulsionado pelas diversas inovações digitais no contexto laboral, que permeiam na atualidade, tem gerado mudanças significativas, levando a um aumento tanto no controle objetivo como subjetivo do contexto laboral. Podendo assim, afetar negativamente a saúde dos trabalhadores, pois as condições de trabalho oferecidas para eles são precárias e trazem consequências negativas para sua vida. Tais modificações sucedem a instabilidade dos empregos, com um aumento nas

subcontratações e variações salariais, que acabam contribuindo para a desintegração da classe trabalhadora (Lima, 2022).

Posto isso, pode-se identificar que na pandemia intensificou à expansão da comercialização de mão de obra e serviços por meio de plataformas digitais e aplicativos integrados à internet, isso aconteceu porque houve a necessidade de manter o distanciamento físico entre as pessoas, como uma medida essencial para proteger a saúde pública, o que acabou aumentando à expansão desse novo modelo de trabalho (Neves, 2021).

No entanto, isso intensificou as condições precárias oferecidas através do trabalho informal, onde não existe um vínculo efetivo e que assegure os direitos trabalhistas com o empregador ou com quem solicita o serviço. Resultando em jornadas de trabalho extensas, onde muitas vezes é necessário trabalhar em um horário que normalmente seriam reservados para descanso em empregos regulares (Rebelo, 2020).

Tendo como exemplo o iFood que é uma das grandes empresas no setor de alimentação, oferecendo serviços de entrega por meio da contratação temporária de trabalhadores informais através do seu aplicativo ou a empresa Uber que é um dos principais meios de locomoção atualmente e dispõe de uma plataforma de serviços de viagens que pode ser solicitado pelo usuário a qualquer momento. As duas empresas oferecem a ideia ilusória de empreendedorismo e colocam sobre o empregador as responsabilidades que deveriam ser garantidas a eles, como saúde e segurança (Souza, 2023).

Essas condições precárias impostas ao trabalhador são realidade para muitos que participam do mercado de trabalho através das plataformas digitais, que precisam arriscar sua vida em empregos que não oferecem o mínimo para se trabalhar com dignidade. Além disso, há um aumento enganoso da ideia de meritocracia e empreendedorismo, que são apresentados como soluções para a flexibilização das leis trabalhistas e a desregulação dos mercados, mas que também não oferece para os trabalhadores garantias dos seus direitos, responsabilizando aqueles que são excluídos pelo sistema e não oferece nem um auxílio ou segurança (Neves, 2021).

Outra consequência dessas inovações se encontra no aumento do desemprego, devido a substituição por máquinas ou sistemas tecnológicos, o nível de funcionários das empresas tem constantemente diminuído, fazendo com que os trabalhadores se vejam obrigados a recorrer a empregos informais, que como já foi posto anteriormente, não oferece de qualquer proteção social ou garantia de segurança e estabilidade, se tornando ainda assim um mercado cada vez mais competitivo (Souza, 2023).

Na era pós-moderna podemos identificar que o novo modelo de trabalho é caracterizado pelo incômodo sentido pelos trabalhadores, devido à presença de incertezas sobre seu trabalho, assim como também uma pressão por produtividade exacerbada e uma vigilância constante. Esses fatores têm colocado à prova a capacidade que as pessoas têm de se adaptarem às diversas mudanças do mundo laboral, tendo em vista que as condições de trabalho cada vez mais perdem a importância e o trabalhador se vê refém disso (Silva, 2019).

Dessa forma, é possível identificar que houve um aumento significativo nos problemas de saúde físicos e um foco maior no impacto da saúde mental, devido à necessidade de autocontrole exigida pela subjetividade do indivíduo em um ambiente de trabalho participativo e flexível (Silva, 2019).

2.2 A MAIS VALIA E A LUTA DE CLASSES. UMA DESIGUALDADE DE RIQUEZAS NO SISTEMA CAPITALISTA

Com o desenvolvimento da Filosofia da Práxis, Karl Marx teve o objetivo de esclarecer as causas principais das desigualdades e explicar como funcionam as relações sociais que, para ele, claramente envolviam dominação e opressão. Chegando à conclusão de que as diferenças sociais, que nem sempre são possíveis de serem vistas visivelmente, não se devem a fatores casuais ou até mesmo pessoais (Gaiger, 2021).

Caso contrário, essas desigualdades não permaneceriam e continuariam a acontecer constantemente, e nem existiriam indivíduos com tanto poder enquanto outros são condenados à submissão e pobreza. Dessa forma, foi possível analisar que a riqueza, produzida pelo trabalho da maioria, estava sendo extraída e transferida para uma pequena parte da sociedade através de um mecanismo de extração e acumulação imposto (Cunha, 2020).

Sendo assim, o conceito de classes está intimamente ligado à desigualdade, à dominação, e às lógicas de expropriação e poder. Passando a ser vista como um reflexo dessas relações e, ao se reproduzirem, garantem a continuidade das mesmas no decorrer do tempo (Sartori, 2019).

O princípio da questão está na presença de uma engrenagem enraizada de expropriação da riqueza que vem se constituído ao longo do tempo, resultando em sua transferência incoerentemente desigual dentro da sociedade. Essa relação faz com que a classe exploradora se beneficie da atividade produtiva da classe trabalhadora (Cunha, 2020).

Esse mecanismo pode ser identificado na economia capitalista, no qual a apropriação do excedente de trabalho acontece por meio da extração da mais-valia e desempenha um papel

central na sociedade atualmente. Esse sistema de exploração da mão de obra acontece quando alguém compra a capacidade de trabalho de outra pessoa (Gaiger, 2021).

Para transformar esse trabalho em mercadorias, é necessário primeiro convertê-lo em produtos ou serviços que atendam às necessidades das pessoas. Além disso, procura-se produzir mercadorias cujo valor seja maior do que à soma dos valores necessários para sua fabricação, para que assim, os custos dos meios de produção e da força de trabalho, pelos quais o capitalista desembolsou dinheiro no mercado sejam supridos e ela consiga tirar lucros (Felix; Gil, 2023).

É importante destacar que o produto gerado no processo laboral pertence ao capitalista e não ao trabalhador. Ao adquirir a força de trabalho, o capitalista incorpora-se como um elemento ativo nos recursos inertes que constituem o produto, e esses elementos também pertencem ao capitalista. A circunstância em que o custo diário de manutenção da força de trabalho é menor do que o valor que ela pode criar durante um dia inteiro de trabalho, resultando em lucro para o comprador (Passos; Lupatini, 2020).

Dessa forma, identifica-se que o aumento do período de trabalho, além do ponto em que o trabalhador teria produzido o valor correspondente ao custo de sua força, juntamente com a apropriação desse trabalho adicional pelo capital, é o que constitui a produção do mais-valor absoluto. Sendo esse processo a base principal do sistema capitalista e principal ponto de partida para a produção do mais-valor relativo, sendo esse um tema muito discutido por Karl Marx em seus estudos (Felix; Gil, 2023).

“O mais-valor obtido pelo prolongamento da jornada de trabalho chamo de mais-valor absoluto; o mais-valor que, ao contrário, deriva da redução do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na proporção entre as duas partes da jornada de trabalho chamo de mais-valor relativo.” (Marx, 1968, p. 389).

Então quando falamos da produção do mais-valor relativo, devemos levar em consideração a importância das inovações tecnológicas nesse momento, tendo em vista que é através delas que acontece a diminuição do tempo gasto para produzir o trabalho necessário, sendo esse, o valor do salário do trabalhador, e deixando mais tempo para gerar cada vez mais lucro para empresa (Passos; Lupatini, 2020).

Em uma situação hipotética se um operário aumenta sua produção na empresa por meio das novas instalações tecnológicas e passa a produzir o dobro de mercadoria em metade do tempo de serviço, isso poderia significar que a empresa iria diminuir seu horário de funcionamento. Porém, tendo em vista que o sistema capitalista não visa melhorar a qualidade

e bem estar dos operários e sim aumentar a produtividade e o rendimento de lucros, esse tempo muitas vezes passa a ser prolongado (Cunha, 2020).

Posto isso, identificamos que o sistema capitalista faz com que o operário trabalhe mais horas sem remuneração, pois o objetivo da produção desse sistema econômico não é necessariamente reduzir jornada de trabalho, mas sim aumentar a produtividade e, com isso, a quantidade de mercadorias produzidas no mesmo período de tempo para benefícios da classe opressora, sem se importar com os danos que isso pode trazer para saúde e bem estar do trabalhador e do ecossistema (Felix; Gil, 2023).

2.3 UM NOVO MUNDO: O OLHAR DA TEORIA DO BEM VIVER SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DO SISTEMA CAPITALISTA

Ao analisar a trajetória da teoria do bem viver conseguimos identificar uma analogia que se opõe aos mecanismos composto pelo capitalismo, tendo em vista que a forma de trabalho imposta por essa economia tem adoecido fisicamente e mentalmente toda a sociedade, trazendo danos irreversíveis até mesmos para a natureza, que é a principal fonte de matéria prima utilizada por esse sistema, que acaba sofrendo explorações exacerbadas e tendo seus direitos corrompidos e ultrapassados assim como a classe trabalhadora (Acosta, 2019).

Dessa forma, o Bem Viver contesta a impossibilidade de permanecer com o sistema econômico dominante que predomina na sociedade atualmente, visto que os recursos utilizados para a acumulação de material demasiadas poderia culminar no suicídio coletivo de toda uma população. Sendo o desenvolvimento desenfreado responsável pela utilização dos recursos naturais para a produção incessável de uma imensa dimensão de produtos que a sociedade passa a consumir cada vez mais sem se dar conta dos danos que isso pode causar (Liberali, 2022).

A distribuição de riqueza no sistema capitalista acontece de forma extremamente desigual, no qual diversas pessoas usufruem de um valor imensurável e outras ainda têm que lutar contra a fome, frio, falta de moradia, trabalho escravo, pestes, desnutrição e as demais necessidades básicas da vida humana. Milhares de homens, mulheres e crianças atualmente vivem essa realidade dolorosa intensificada cada vez mais com o crescimento do consumismo e o excesso de informações alienantes que acabam reduzindo o poder de crítica das pessoas sobre tais situações (Siqueira; Gonçalves; Santos, 2023).

Diante disso, o bem viver compreende que atualmente vivemos na era do consumo e que esse mal se infiltra na sociedade, influenciando as pessoas a terem o desejo de compra constante e “os mantendo prisioneiro” de uma vontade que muitas vezes não pode ser

alcançada, devido às condições econômicas, os prendendo em um círculo sem fim, visto que ao comprar algo sempre terá milhares de outras coisas a sua volta trazidas pelo excesso de informações que pode influenciá-lo a acreditar que está necessitando (Cunha; Sousa, 2023).

A humanidade passou a viver em uma sociedade em que tudo se compra, tudo se vende e dessa forma, negando as raízes e se espelhando em outras para garantir o progresso, se negando a chance de uma modernização própria. E mesmo sabendo de todas as controvérsias sobre os reais benefícios e desvantagens de buscar incansavelmente ser um país desenvolvido, ainda sim esse pensamento continuará na sociedade por um bom tempo (Liberali, 2022).

O avanço das tecnologias que posteriormente era visto como o grande futuro da humanidade e traria consigo uma infinidade de possibilidades, ocasionou severas consequências, visto que, para que esse avanço seja possível e para que ele continue evoluindo, a produção e consumo tem que cada vez mais acelerar. Dito isso, o bem viver não nega que os avanços tecnológicos são importantes e que continuará crescendo constantemente, fornecendo também soluções e inovações a cada instante, todavia, apenas uma parte da população tem acesso a tais frutos, devidos às condições econômicas e sociais (Acosta, 2019).

O questionamento sobre o desenvolvimento e os diversos fracassos que ele vem enfrentando surge então como uma questão a ser pensada por toda sociedade. Tendo em vista que desde que os Estados Unidos e os países industrializados ficaram conhecidos como modelos a serem seguidos pelo restante do mundo, desenfreou uma corrida sem limites para estar nos mesmos parâmetros dos países tidos como desenvolvidos (Schenkman, 2023).

Dessa maneira os países que não conseguiram alcançar esses parâmetros se dispuseram a aceitar os diversos planos, projetos e programas disponíveis, que oferecem a possibilidade de se tornar um país em desenvolvimento, aceitando as regras do vale tudo. Felizmente, o fracasso do desenvolvimento revela as suas rachaduras, a ideia de que toda a humanidade pode aderir a esse estilo de visto se torna cada vez mais distante (Schenkman, 2023).

A crítica ao desenvolvimento sustentável ocorre devido às diversas frustrações que a sociedade tem vivenciado em relação ao deterioração ambiental, fazendo com que surja então o questionamento sobre a grande devastação da natureza que coloca em risco nosso sistema ecológico e as diversas implicações no contexto social, que prejudicam especificamente a classe trabalhadora com as mudanças impostas, todavia a sociedade consente, visto que, a ideia do vale qualquer coisa para deixar de ser um país subdesenvolvido prevalece acima de tudo (Cunha; Sousa, 2023).

O bem viver acredita na possibilidade de habitar em um mundo pós-capitalismo e fugir do desenvolvimento, não sendo o grande desafio inicial criar outras utopias, mas ter ao menos

a capacidade de imaginá-las. Nesse cenário de críticas e novas possibilidades os povos indígenas alcançaram grande relevância, com suas percepções. Deve-se avaliar que de fato, existem grupos indígenas que vivem em harmonia com a natureza e não se renderam ao sistema capitalista, mostrando que é possível viver fora dele (Cunha; Sousa, 2023).

Enfatiza-se a necessidade de modificar o contexto opressor e dominador que a sociedade vivencia atualmente. Liberali, (2022), aponta que a educação é crucial para que isso seja modificado, tendo em vista que, ela conseguirá desenvolver uma pedagogia libertadora, onde o desejo de conhecer e transformar seria muito mais constante do que a que a sociedade dispõe atualmente. Para que assim seja possível ter consciência da realidade, não só enxergando seus malefícios, mas tendo autonomia de criticá-lo.

O Bem Viver não se apresenta como uma proposta totalmente idealizada e não mutável, e sim como uma possibilidade para construir em conjunto novas formas de vida. Ressaltando a importância de levar em consideração a visão Andina e Amazônica, os direitos da natureza, os povos explorados e excluídos e as diversas visões que possam auxiliar nessa nova construção de mundo. Deixando de lado as visões sobre as diversas alternativas de desenvolvimento e dando voz às novas formas de desenvolvimento alternativo (Siqueira; Gonçalves; Santos, 2023).

Evidenciando a procura incessante em está em paz com a sociedade e a natureza, o bem viver busca isso no aqui e agora, deixando de lado os pensamentos individualistas impostos pelo sistema capitalista e levando em consideração o que pode beneficiar toda sociedade. Para que isso seja possível, a distribuição de riqueza precisa ser remodelada, ou melhor, construída novamente para que assim possa existir uma sociedade mais justa e equitativa (Cunha; Sousa, 2023).

O bem viver inclui a integração de diferentes culturas e visões na busca de reinventar uma nova forma de viver, identificar e analisar comunidades como a Ubuntu, na África do sul, por exemplo, que vivem a mais de cinquenta anos com seus próprios costumes e sem ser dominado pelo capitalismo, podendo trazer grandes contribuições para a construção de um novo mundo (Acosta, 2019).

Pode-se então concluir que o bem viver não se mantém como uma visão de mundo única, nem ao menos pronta. Ele vem se reinventando e se construindo de acordo com as necessidades impostas e analisadas, se tornando um conjunto de “bons conviveres” que se inicia nas comunidades indígenas, mas não desmerecem as contribuições de outras culturas e da tecnologia. O bem viver se constrói como um novo mundo, não mais centrado no

enriquecimento de minorias e na exploração da natureza, mas na construção de uma sociedade que seja para todos (Acosta, 2019).

3 METODOLOGIA

O presente estudo partiu de uma revisão bibliográfica integrativa, de cunha qualitativo, exploratório.

A revisão bibliográfica busca fazer uma análise de materiais já publicados como livros e artigos científicos que ao ser combinada com o método integrativo permite a busca de diferentes fontes e métodos de pesquisa para se ter uma compreensão mais ampla da área pesquisada. Essa pesquisa acontece de acordo com as seguintes etapas: a definição da pergunta norteadora, amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa. Os dois métodos apresentam papéis complementares na pesquisa e permitem que o pesquisador encontre o seu problema de pesquisa, estabeleça objetivos e desenvolva propostas de estudo (Gil, 2021).

A pesquisa qualitativa muitas vezes é vista como uma pesquisa de cunho interpretativo em razão da sua busca por analisar a essência dos estudos, visto isso, é importante destacar que a pesquisa qualitativa se distingue pela participação ativa do pesquisador na interpretação dos dados, não se tratando de uma repetição de teorias, mas desenvolver um conhecimento mais aprofundado sobre a área de acordo com a perspectiva compreendida pelo pesquisador (Gil, 2021).

A pesquisa exploratória é de extrema importância nesse trabalho, visto que ela tem como objetivo desenvolver e aprimorar um conhecimento mais aprofundado sobre áreas que não existem muito estudos e dessa forma possibilitando formular questões mais específicas e contemporâneas para investigações futuras (Gil, 2022).

Foram utilizadas para a realização da pesquisa, as bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e Google acadêmico, plataformas gratuitas utilizadas para recuperação de trabalhos científicos. Saliento que foram utilizados como descritores: Capitalismo, Sociedade, Adoecimento, Trabalho, Teoria do bem viver, comunidade, meio ambiental e o operador booleano *AND*. Como critério de inclusão foram estabelecidos que os artigos fossem de língua portuguesa, com a delimitação temporal de 2019 a 2024. Foram excluídos trabalhos que não abordassem a temática citada.

A análise dos dados foi feita por meio de uma investigação de conteúdo sobre o tema, através das seguintes fases: 1º busca pelo material da pesquisa, nas bases de dados, plataformas e sites gratuitos; 2º organização da pesquisa em itens a cerca da teoria do bem viver tal como, as consequências do capitalismo e das novas formas de trabalho na sociedade; 3º apresentação e problematização do bem viver e suas concepções ao capitalismo; 4º após a seleção dos artigos, iniciamos a leitura dos mesmos e a elaboração do estudo, buscando a todo momento guiar a discussão para os impactos do capitalismo na sociedade e como o bem viver questiona esse sistema; 5º depois que todos os componentes pertinentes da pesquisa forem reconhecidos, foi elaborado um debate crítico acerca da influência do capitalismo nas novas formas de trabalho e o papel do Bem viver na edificação de um novo sistema alternativo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção é apresentada a análise dos dados obtidos, a partir do estudo dos trabalhos selecionados, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos. A partir da busca nas plataformas Google acadêmico e dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, com os descritores: “Capitalismo”, “Sociedade”, “Adoecimento”, “Trabalho”, Teoria do “bem viver”, “comunidade”, “meio ambiental” e o operador booleano "AND", foi possível recuperar 372 trabalhos científicos, contudo, foram identificados 20 trabalhos duplicados, dessa forma, foram incluídos para pré-análise 352, sendo que apenas 10 trabalhos atingiram os critérios de inclusão e exclusão, conforme ilustrado no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1: Trabalhos recuperados a partir da busca de descritores (2019-2024)

| Descritores e operador booleanos operacionalizado | Plataforma de pesquisa | Trabalhos recuperados | Duplicados | Incluídos na pré-análise | Incluídos na análise completa |
|-------------------------------------------------------------|------------------------|-----------------------|------------|--------------------------|-------------------------------|
| “Capitalismo” AND “Sociedade” | SciELO | 125 | — | 125 | 4 |
| “Adoecimento” AND “Trabalho” | SciELO | 173 | 20 | 153 | 2 |
| Teoria do “bem viver” ADN “comunidade” AND “meio ambiental” | Google acadêmico | 74 | — | 71 | 4 |

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Com base nos dados recuperados denota-se que os anos de 2019, 2022 e 2023 foram os anos que mais tiveram publicações acerca da temática da referida pesquisa, conforme demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2: Quantidade de trabalhos científicos publicados nas plataformas google acadêmico e SciELO.

| ANO | ARTIGOS |
|------|---------|
| 2019 | 4 |
| 2020 | 1 |
| 2021 | 1 |
| 2022 | 2 |
| 2023 | 2 |

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Conforme ilustrado no Quadro 3, onde estão apresentados os resultados organizados por ano de publicação do mais antigo para o mais recente.

O Quadro abaixo apresenta aspectos e características correspondentes aos estudos selecionados, catalogados mediante descritores e filtros pré-selecionados. O quadro 03 destaca o código de identificação, título, autor, estado e ano em que o artigo foi publicado. Nos resultados encontrados foi possível evidenciar que existem mais publicações nos estados da região Sudeste do país. Dos 10 resultados, 6 são da região Sudeste, 3 da região Nordeste e apenas 1 da região Sul.

Quadro 3: Organização dos trabalhos incluídos para análise completa.

| Número | Título | Autores | Estado | Ano |
|--------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|----------------|------|
| 1 | O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos | Acosta | São Paulo | 2019 |
| 2 | Interesses capitalistas e desafios para a efetivação dos direitos sociais: ataques e regressões | Lage | Rio de janeiro | 2019 |
| 3 | Pós-desenvolvimento, pós-colonialismo e descolonialismo: divergências entre os paradigmas a partir de uma revisão. | Moreira e Valadão. | São Paulo | 2019 |
| 4 | Fatores de riscos psicossociais no trabalho: limitações para uma abordagem integral da saúde mental relacionada ao trabalho | Pereira, Souza, Lucca e Iguti | São Paulo | 2019 |
| 5 | Noções de bem viver latino-americano na perspectiva da psicologia: uma revisão integrativa de escopo | Siqueira | São Paulo | 2020 |
| 6 | Síndrome de burnout em docentes universitários dos cursos de saúde | Oliveira, Silva, Silva, Vasconcelos, Oliveira, Inácio, Lima e Silva. | Nordeste | 2021 |
| 7 | A exploração do trabalho no Brasil contemporâneo | Daniela Neves | Nordeste | 2022 |
| 8 | Capitalismo industrial de plataforma: externalizações, sínteses e resistências | Amorim, Cardoso e Bridi | São Paulo | 2022 |

| | | | | |
|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|----------|------|
| 9 | Trabalhadores de plataformas digitais: mundialização, superexploração e luta de classes. | Felix, Gil | Paraná | 2023 |
| 10 | Revisão sistemática da literatura com análise bibliométrica sobre as ações humanas e os eventos climáticos extremos | Costa, Silva, Martins e Barbosa | Nordeste | 2023 |

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

4.1 APRESENTAR AS FORMAS DE TRABALHO NA ATUALIDADE E A CONTRIBUIÇÃO DO CAPITALISMO PARA O ADOECIMENTO DA SOCIEDADE E DO MUNDO (NATUREZA)

Lage (2019) traz em seus estudos que o início do século XXI é marcado pela crescente precarização do trabalho e pela insegurança dos trabalhadores em ficarem desempregados e não ter os seus direitos minimamente respeitados. Tais efeitos foram produzidos pelo desenvolvimento das novas formas de trabalho desgastantes, ocasionadas pelo capitalismo e suas diversas formas de exploração da sociedade e da natureza.

Na mesma linha de pensamento Amorim, Cardoso e Bridi (2022) evidenciam que o sistema que vivemos atualmente, o modelo flexível, tem grande conectividade com a tecnologia, e acaba exigindo que os trabalhadores estejam constantemente se adaptando a novos sistemas e formas de se trabalhar. Tais mudanças, aumentam a produtividade, todavia não trazem melhoria para qualidade de vida da classe operária, pelo contrário, pode ocasionar o aumento da carga trabalhista, e conseqüentemente o desgaste físico e mental.

Daniela Neves (2022) compactua com o pensamento de Lage (2019) e Amorim, Cardoso e Bridi (2022) e aponta que as novas tecnologias de comunicação podem fazer com que a vida pessoal e o tempo de serviço se misturem. Com os avanços tecnológicos de aparelhos celulares, da internet e seus meios de comunicação, o trabalhador pode resolver atividades e problemas de trabalho onde quer que ele esteja. Com a rotatividade de empregos e a pressão pelo cumprimento de metas constantes, o trabalhador vive coagido a se manter conectado com o serviço para além do horário estabelecido, diminui o tempo de descanso do trabalho, fazendo com que o tempo de serviço se estenda para além dos limites da empresa, penetrando em outras áreas da vida, como os momentos de lazer e descanso.

Amorim, Cardoso e Bridi (2022) também apontam que o avanço tecnológico trouxe uma nova forma de trabalho que já vinha se infiltrando, mas ganhou grande visibilidade na pandemia, o trabalho online e baseado em informações. Essa modalidade permite que o capital

seja explorado mais intensamente, proporcionando um ambiente de trabalho cheio de instabilidade e insegurança, onde os direitos dos trabalhadores não têm importância e passam a ser cada vez menos reconhecidos e assegurados.

E Lage (2019) afirma que isso contribuiu de forma significativa para que as pessoas trabalhem em condições precárias, para tentar manter o seu emprego, mesmo que para isso tenha que ver seus direitos sociais e as conquistas históricas, que se concretizaram a base de muita luta, pela classe trabalhadora, sendo cada vez mais objetificada, devido à lógica capitalista, que prioriza o lucro e explora milhões de pessoas no mercado de trabalho, gerando formas de trabalho informal, intermitente e precária.

Amorim, Cardoso e Bridi (2022) nos mostram que uma tendência atual do mercado é a diminuição dos empregos tradicionais de período integral. Ocasionalmente o aumento das formas precárias de serviço, fazendo com o que o trabalho informal, terceirizado e em meio período seja cada vez mais aceito, isso ocorre, devido a dificuldades financeiras e à limitação dos benefícios estatais para desempregados. Ao perderem seus empregos formais, o trabalhador se vê coagido a encontrar uma nova fonte de renda rapidamente. Exemplo disso são os motoristas de aplicativos e os empreendedores, que conseguem uma fonte de renda, porém estão desprovidos de quaisquer proteções trabalhistas.

Diante disso, Costa, Silva, Martins e Barbosa (2023) afirmam que as forças produtivas do capitalismo têm se dividido forças destrutivas com as seguintes consequências: a precarização do trabalho, onde estão presentes o desemprego estrutural e a crescente informalidade dos empregos; assim como o meio ambiente, que sofre cada vez mais com a devastação ambiental. Os danos desse sistema econômico estão especificamente caracterizados pela intensificação dos meios de produção.

De maneira semelhante, Daniela Neves (2022) aponta que a sociedade tenta sobreviver a todo custo as divergências e instabilidade proporcionadas pela aceleração do acúmulo de capital, que atingem não só os trabalhadores, mas também o meio ambiente. Nunca antes se produziu tanta mercadoria em tão pouco tempo, assim como nunca houve tanta destruição da natureza.

Dessa forma, Costa, Silva, Martins e Barbosa (2023) observam em seus estudos a devastação ambiental através da destruição das florestas tropicais, do aumento do efeito estufa e das mudanças climáticas dramáticas, que causam enchente e destrói a vida de diversas famílias, gerando preocupação global. Nesse contexto de desastre ambiental, não se pode presumir que a espécie humana sairá ileso das suas próprias atitudes.

4.2 APONTAR AS PRINCIPAIS DIFICULDADES E CONSEQUÊNCIAS ENFRENTADAS PELO TRABALHADOR

Felix e Gil (2023) nos mostra em seus estudos que o ambiente de trabalho tem mudado bastante nos últimos anos por fatores sociopolíticos, legais, econômicos, demográficos e tecnológicos. Como resultado, diversas mudanças aconteceram e refletiram de forma significativa na forma que o trabalho é visto e como o trabalhador exerce seu serviço, assim como, nos direitos mínimos que a pessoa necessita para trabalhar com saúde e segurança, o que impactou diretamente a saúde mental e física dos trabalhadores.

Isso acontece devido às novas formas de trabalho e as novas configurações econômicas, que tem proporcionado a perda do controle do trabalhador sobre suas tarefas e o sentido do trabalho ao todo. Pereira, Souza, Lucca e Iguti (2019) apontam que isso faz com que os trabalhadores enfrentem consequências através de salários baixos, falta de proteção dos seus direitos e incerteza de empregos, proporcionando problemas de saúde que estão ligados pela forma que o trabalho capitalista é coordenado. Logo, o desgaste físico e mental dos trabalhadores é o resultado desse meio de produção.

Neste mesmo sentido Felix e Gil (2023) apresenta que a pressão para que o indivíduo desenvolva habilidades múltiplas e se adapte às inovações tecnológicas, causa insegurança e medo na maioria dos trabalhadores, fazendo com que aquele ambiente que ele está inserido se torne angustiante e inevitavelmente proporciona uma queda no seu desempenho, resultante em fadiga mental e na exaustão emocional que são frequentemente omitidas e deixadas de lado no ambiente laboral pelas empresas e até mesmo pelo próprios indivíduos por medo de serem demitidos.

Daniela Neves (2022) aponta que como resultado desse desgaste, o trabalhador pode sofrer também uma diminuição nos seus relacionamentos fora do ambiente laboral, afetando de forma significativa a vida familiar, os momentos de lazer, seu meio social e a vida sexual. A falta de tempo para estar com a família, amigos e viver experiências fora do trabalho, faz com que os seus círculos afetivos sejam cada vez mais enfraquecidos, contribuindo para a chamada "solidão moderna".

Dessa forma, Pereira, Souza, Lucca e Iguti (2019) mostram em seus estudos que o surgimento de doenças relacionadas ao trabalho se torna cada vez mais comum, uma delas é o estresse ocupacional, que reflete de forma clara o mal estar vivido na contemporaneidade. O estresse ocupacional pode trazer danos mentais e físicos para o indivíduo, assim como para empresa, como diminuição da produtividade, desmotivação, irritabilidade, impaciência,

dificuldades nas relações interpessoais, falta de comprometimento com o trabalho, além do risco de dependência de medicamentos.

Assim como trouxe Oliveira et al (2021) ao falar sobre uma doença muito conhecida na atualidade, a Síndrome do Esgotamento Profissional, é uma condição que afeta de forma significativa a vida do trabalhador, ela acontece devido ambientes de trabalho que apresentam um nível de carga emocional, pressão e frustração muito alta, e os funcionários passam a está frequentemente exaustos mentalmente, desanimados, tristes, sem conseguir se sentir bem profissionalmente, frustrados e ansiosos. Porém essas manifestações não se apresentam apenas no ambiente de trabalho e podem se estender e afetar diversas áreas da vida da pessoa.

Ainda de acordo com Oliveira et al (2021) a concepção sociopsicológica da Síndrome de Burnout é composta em três dimensões principais: a exaustão emocional que se manifesta pela fadiga, baixa energia e sobrecarga emocional que pode levar o trabalhador a um esgotamento físico e psicológico. Outra dimensão seria a despersonalização que está ligada a ansiedade, irritabilidade e perda de motivação que pode levar o indivíduo a ter atitudes negativas e de irritabilidade em relação ao seu trabalho, podendo chegar até a tratar seus colegas de serviço de maneira hostil. Por fim, a baixa realização pessoal se apresenta pela combinação das dimensões citadas anteriormente, intensificando os sentimentos de incompetência e insatisfação profissional que podem fazer com que o trabalhador se avalie de forma negativa e passe a se sentir infeliz consigo mesmo.

Dessa forma, Pereira, Souza, Lucca e Iguti (2019) evidenciam que é de suma importância compreender os processos de adoecimento no trabalho de modo geral, levando em considerações não apenas os fatores biológicos ou psicológicos de cada pessoa, mas também a influência do meio social presente no ambiente laboral de cada um e o quanto isso pode afetar a vida de cada trabalhador. Visto que a partir do momento que o trabalho humano se torna a principal fonte de lucro para a sociedade capitalista, as pessoas passam a ser tratadas como instrumento de produção desse sistema e o bem estar do trabalhador, assim como seus direitos, passam a ficar em segundo plano.

4.3 DISCUTIR A TEORIA DO BEM VIVER E SUAS CONCEPÇÕES DE UM MUNDO NOVO PELA E PARA SOCIEDADE

Acosta (2019) estuda em seu livro a ideia de um sistema que não priorize os lucros e o crescimento econômico, mas no momento em que vivemos, isso parece impossível. É difícil imaginar um mundo que não priorize a comercialização, as grandes indústrias e os mais

diversos tipos de produção de mercadoria, mas essa é a grande necessidade atualmente. A busca por uma sociedade que proporcione dignidade para todas as pessoas e não ultrapasse todos os limites do meio ambiente, se torna cada vez mais urgente.

Siqueira (2020) compartilha do pensamento de Acosta (2019) e aponta que a procura por uma nova forma de organização social, fundamentada na reciprocidade, solidariedade, harmonia e racionalidade não é algo novo. Mas tentar ligar os freios do sistema capitalista, antes que ele traga mais impactos para sociedade e destrua ainda mais o meio ambiente, é algo que vai levar tempo e muitos debates. Visto isso, surge a importância de conhecer e valorizar outros saberes e práticas, como o Bem viver.

Para Moreira e Valadão (2022) o Bem Viver busca reinterpretar a relação que existe entre homem e natureza a partir de diferentes perspectivas culturais. Visto que, a economia depende da natureza para realizar a produção a partir de sua matéria prima, ao destruí-la, significa arruinar a própria base econômica. O que nos leva a crise ecológica vivida atualmente, a extinção de espécies, mudanças climáticas e esgotamento dos recursos naturais, que nos mostram que ultrapassamos todos os limites em busca do consumo exacerbado.

Nessa mesma linha de pensamento, Acosta (2019) aponta que o Bem Viver tenta conscientizar o quão importante é assegurar os direitos da natureza, como base para a construção de uma nova sociedade, onde haja uma participação comunitária eficaz e abrangente. Levando em consideração que não podemos separar o pensamento econômico do mundo físico, além de respeitar as necessidades humanas e promover qualidade de vida sustentável para ambas as partes.

De maneira consoante Siqueira (2020) nos traz em seus estudos que fazer com que a natureza não seja mais vista como produto do capital, é um dos objetivos do bem viver. Promover uma reconexão do meio ambiente com a sociedade, e uma conscientização sobre o uso da natureza, bem como a respeito do acúmulo de capital e os riscos de destruição de tudo que se tem hoje, é fundamental para o bem viver. Paralelamente, aos acontecimentos que se agravam no meio ambiente também encontramos dificuldades raciais, econômicas, políticas e desigualdades sociais que advém da má distribuição de riquezas e se apresenta como apenas mais uma das consequências do sistema capitalista.

Acosta (2019) também aponta em suas pesquisas que o Bem Viver reconhece as diversas formas de vida e a diversidade cultural que existe em cada uma delas. E é através dessa pluralidade que existe em diversas comunidades, que podemos encontrar práticas que fogem do padrão apresentado no capitalismo, onde a busca sempre é o acúmulo de bens. Não se trata de regredir, mas de aproveitar a diversidade de práticas que podem trazer benefícios para

sociedade, como as que são demonstradas principalmente em comunidades indígenas, que apesar de existir no mesmo tempo do capitalismo, não se renderam a ela, e vivem com seus próprios costumes, tradições e saberes. O Bem Viver evidencia a importância de estudar e aprender com essas práticas.

Siqueira (2020) nos traz na mesma linha de pensamento de Acosta (2019) que podemos identificar que a verdadeira contribuição do Bem Viver é a promoção de diálogo. Criando um espaço onde os saberes possam ser compartilhados, tanto os que são passados pelos povos indígenas como também aproveitando os que são fornecidos pela atualidade. Fazer essa conexão, discutir e colocar em prática atitudes que beneficiem não só a humanidade, mas também a natureza não é fácil, mas é preciso e urgente.

Posto isso, Moreira e Valadão (2022) nos traz que podemos identificar que o bem viver se apresenta como uma forma de reconstruir o mundo coletivamente, mudando principalmente a forma como enxergamos, pensamos e agimos em relação ao meio ambiente e a sociedade. Respeitando os limites da natureza e da humanidade. No campo econômico, é essencial reorganizar a produção, desvinculando-a dos mecanismos do mercado global e adotando práticas que promovam a reciclagem e a reintegração dos recursos naturais em novos ciclos ecológicos.

Visto isso, Siqueira (2020) afirma que o Bem Viver não se apresenta como uma nova ideia de desenvolvimento, mas sim como uma alternativa a todas que já existem. Procura desenvolver uma sociedade mais justa e igualitária, que possa suprir as necessidades das pessoas sem ocasionar a destruição do meio ambiente. Nessa construção de uma nova sociedade não se está criando ou reinventando novas estratégias para serem seguidas, mas sim, pondo em prática critérios e princípios para alcançar um sistema alternativo mais justo do que o atual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho considera a partir da perspectiva dos autores analisados as principais dificuldades apresentadas no mundo, decorrente do atual sistema capitalista, que envolvem não só o ambiente laboral e suas interfaces, mas também a natureza e as diversas formas de destruição ocasionadas por esse sistema em vigor.

Com o avanço tecnológico as formas de trabalho mudaram, transformando o ambiente laboral em um lugar mais propício a exaustão física e mental, pois exige das pessoas um alto nível de atenção, a capacidade de desenvolver várias tarefas ao mesmo tempo, além de fazer com que as pessoas se mantenham ligadas ao trabalho até mesmo em seu tempo livre.

A falta de descanso, e o constante estado de alerta vem desenvolvendo diversas doenças ligadas ao trabalho, como, o estresse e a síndrome de burnout, diminuindo a efetividade dessas pessoas no trabalho e muitas vezes até causando seu afastamento. O sistema capitalista tem como objetivo aumentar cada vez mais a produção e as consequências acabam ficando para classe trabalhadora.

Paralelamente a isso, também foi levado em questão a grande degradação ambiental que está ocorrendo atualmente. No capitalismo a natureza é vista principalmente como matéria prima para o aumento constante do consumo e o enriquecimento de certa parte da sociedade, o que ocasiona a destruição sem limites do planeta que vem ocorrendo nos dias atuais. Os danos causados por esse abuso do meio ambiente são extremos, provocando mudanças climáticas, extinções de animais e até o aumento do efeito estufa.

Visto isso, identificamos o bem viver como uma alternativa para se construir uma nova sociedade. Levando em consideração as práticas dos povos indígenas, com seus costumes, sua forma de se organizar e seus valores que não se rederam ao capitalismo, assim como de outras comunidades de diferentes locais. Aproveitar e valorizar essa pluralidade cultural, sem desmerecer totalmente os avanços da atualidade é o grande desafio proposto.

O bem viver propõe tratar o meio ambiente como um ser de direitos, para que assim as pessoas possam entender a sua importância e respeitá-la. Promover uma reconexão entre indivíduo e natureza é um dos seus objetivos, tendo em vista que hoje ela é vista apenas como material de produção.

Por fim, o bem viver não vem a ser uma nova teoria que vai sobrepor o capitalismo e ditar as novas regras, o seu objetivo é abrir espaço para que se possa pensar sobre novas formas de se viver em sociedade. O dialogo vem a ser seu maior aliado na construção de uma sociedade mais justa para as pessoas e para a natureza.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- MELGES, Fábio; CALARGE, Tania Cristina Costa; BENINI, Élcio Gustavo; PACHECO, Adriano Pereira de Castro. A nova precarização do trabalho: um mapa conceitual. *Organizações & Sociedade*, Campo Grande, v. 29, p. 638-666, 2022. Disponível em: scielo.br/j/osoc/a/RtbG5SfxxWBDFh9pQJKTvPr/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 Out. 2023.
- AMORIM, H.; CARDOSO, A. C. M.; BRIDI, M. A. Capitalismo industrial de plataforma: externalizações, sínteses e resistências. **Caderno CRH**, Salvador, v. 35, p. e022021, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/xhX3WpSk43SY9SZkbBj7DtD/>. Acesso em: 15 Maio 2024.
- BARRETO, A. A. M.; SOUZA, L. E. P. F. Desemprego e suicídio na população brasileira em um cenário de crise do capitalismo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 5869-5882, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/3jRf43s5cJrr8nyVWqZQmQL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 Out. 2023.
- BARROS, D. R.; DA SILVA, M. N. A conscientização do homem para uma exploração sustentável do meio ambiente. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, n. 2, p. 121-135, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/faeil/Downloads/131-Texto%20do%20artigo-726-2-10-20200203%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/faeil/Downloads/131-Texto%20do%20artigo-726-2-10-20200203%20(2).pdf). Acesso em: 10 Out. 2023.
- COSTA, Adilvaneide Ferreira da; SILVA, Iranilton Trajano da; MARTINS, Maria de Fátima; BARBOSA, Maria de Fátima Nóbrega. Revisão sistemática da literatura com análise bibliométrica sobre as ações humanas e os eventos climáticos extremos. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 15, n. 12, p. 16595-16619, 2023. Disponível em: <https://ojs.europublications.com/ojs/index.php/ced/article/view/2090>. Acesso em: 16 Out 2024.
- CUNHA, E. V.; SOUSA, W. J. O bem viver no Brasil: uma análise da produção acadêmica nacional. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 26, p. 321-332, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/TBscbCdnTy6rjhbGqgfPfDB/>. Acesso em: 15 Out. 2023.
- CUNHA, E. P. Gênese do taylorismo como ideologia: acumulação, crise e luta de classes. **Organizações & Sociedade**, v. 27, p. 674-704, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/Kx3Mrq8kXXNTxbYdVxjR8xj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 Out. 2023.

FELIX, G. Trabalhadores de plataformas digitais: mundialização, superexploração e luta de classes. **Sociedade e Estado**, v. 38, p. 35-62, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/H9TXPJxD6BztbGxPkk85vNm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 Out. 2023.

GAIGER, L. I. Exploração social e estrutura de classes: a atualidade de um quadro de análise. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 23, p. 268-298, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/KqQk9RWbRwYQBtXcSCjFbtt/?format=pdf>. Acesso em: 15 Out. 2023.

GIL, A. C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Barueri: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9786559770496. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770496/>. Acesso em: 11 Out. 2023.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Barueri: Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559771653/>. Acesso em: 11 Out. 2023.

MARX, K. **O Capital. Livro 1, O processo de produção do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. v.1.

LAGE, L. N. V. Interesses capitalistas e desafios para a efetivação dos direitos sociais: ataques e regressões. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 22, p. 120-128, 2019. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rk/a/Qv5vwzv3Xq9JhBW9qBs9ZjQ/?lang=pt>. Acesso em: 15 Maio 2024.

LIBERALI, F. C. Multiletramento engajado para a prática do bem viver. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 22, n. 1, p. 125-145, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/KmYMbTKgh4MLvKvqMBMCQRk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 Out. 2023.

LIMA, M. S. Tecnologia e precarização da saúde do trabalhador: uma coexistência na era digital. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, páginas 153-172, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/Ct3tfjQXHZYHWyjwxQ5hXTt/#>. Acesso em: 12 Out. 2023.

MOREIRA E VALADÃO. Pós-desenvolvimento, pós-colonialismo e descolonialismo: divergências entre os paradigmas a partir de uma revisão. **Sociedade Brasileira de Administração Pública**, São Paulo/SP, 5 a 7 de outubro de 2022. Disponível em: <https://sbap.org.br/ebap-2022/720.pdf>. Acesso em: 20 Maio 2024.

NEVES, D. A exploração do trabalho no Brasil contemporâneo. **Revista Katálysis**, Florianópolis, volume 25, páginas 11-21, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/jrk/a/RyBwcJVRVXSBzhfyd9hz9Xf/?format=pdf>. Acesso em: 20 Maio 2024.

PASSOS, S. S.; LUPATINI, M. A contrarreforma trabalhista e a precarização das relações de trabalho no Brasil. **Revista Katálysis**, Florianópolis, volume 23, páginas 132-142, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/jrk/a/qVVvQN4Wg5Zx8937PxmTGVp/>. Acesso em: 12 Out. 2024.

OLIVEIRA, P. J. et al. Síndrome de burnout em docentes universitários dos cursos de saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, volume 23, número 6, página 1, 2021. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S012400642021000600012&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 20 Maio 2024.

PEREIRA, A. C. L. et al. Fatores de riscos psicossociais no trabalho: limitações para uma abordagem integral da saúde mental relacionada ao trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, volume 45, página e18, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/Yj4VrBQcQ3tgQgHcnnGkC6F/>. Acesso em: 20 Maio 2024.

PEREIRA, L. F. L.; SILVA, T. M.; COUTO, D. P.; SILVA, M. L. Consumir e consumir-se: gozo e capitalismo na contemporaneidade. **Revista Subjetividades**, Niterói, volume 19, número 3, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692019000300007. Acesso em: 12 Out. 2023.

REBELO, G. Pensar o trabalho na era digital. **International Studies on Law and**, volume 39, 2020. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Pensar+o+trabalho+na+era+digital.+&btnG=. Acesso em: 12 Out. 2023.

SANTOS, L. R. S. Estado e classes sociais: uma imbricada e contraditória relação. **Revista Katálysis**, Florianópolis, volume 24, páginas 99-108, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/jrk/a/PLXnK4V7mMcTdLpbcw6DT3g/>. Acesso em: 15 Out. 2023.

SARTORI, V. Marx e o Direito do trabalho: a luta de classes, o terreno jurídico e a revolução. **Revista Katálysis**, Florianópolis, volume 22, páginas 293-308, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/jrk/a/kvcbyMSb5pKgyphbpyHxjb/?format=pdf>. Acesso em: 10 Out. 2023.

SILVA, G. N. (Re) conhecendo o estresse no trabalho: uma visão crítica. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, Uberlândia, volume 12, número 1, páginas 51-61, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S198382202019000100005&script=sci_abstract. Acesso em: 15 Out. 2023.

SILVA, L. T. As maiores causas de sofrimento psíquico na sociedade contemporânea no Brasil. **Hematology, Transfusion and Cell Therapy**, São Paulo, volume 45, páginas S918-S919, 2023. Disponível em: <https://www.htct.com.br/pt-as-maiores-causas-de-sofrimento-articulo-resumen-S253113792301828X>. Acesso em: 15 Maio 2024.

SCHENKMAN, S. Epidemiologia e emancipação humana: uma revisita aos princípios da justiça. **Saúde em Debate**, volume 47, páginas 269-291, 2023. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/QfMYTjFcDDZMvGmyJFmjrs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 Out. 2023.

SOUZA, D. O. “Decifra-me ou te devoro”, o enigma da uberização: análise do trabalho e da saúde. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, volume 146, página e6628316, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/G8Hq7MhsHTxQTkKMP8DkWzM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 Out. 2023.

SIQUEIRA, G. C.; GONÇALVES, B. S.; SANTOS, A. O. dos. Entre utopias desejáveis e realidades possíveis: noções de bem viver na atualidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, volume 37, páginas 125-144, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/CNxdWQpkJZCFs4QDHtcZStn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 Maio 2024.

SIQUEIRA JÚNIOR, G. C. **Noções de bem viver latino-americanas na perspectiva da psicologia: uma revisão de escopo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.